



cultura

Guerreiros de paz

Por **Júlia Magalhães**

Fotos de **Christian Knepper**

No Parque do Xingu, um dos mais importantes territórios indígenas do Brasil, os Ikpeng buscam na memória cultural sua identidade étnica

O menino tem medo, mas enfrentará corajosamente sua primeira missão, de deixar o mundo lúdico infantil e assumir responsabilidades junto à comunidade. Ele sabe que no meio da noite será retirado da rede onde dorme e, impedido de adormecer novamente, terá de passar o resto da madrugada andando e dançando em volta da fogueira, de mãos dadas com seus padrinhos. Essa é a grande preparação para o *Yumpuno*, fase final do *Moyngo*, rito de passagem das crianças ikpeng.

O *Yumpuno* é o marco doloroso do início da vida adulta. Os meninos de idade entre 10 e 12 anos são tatuados no rosto com espinho de tucum (palmeira nativa da Amazônia) e carvão extraído da resina do jatobá (árvore típica brasileira). Três linhas de um lado e três do outro indicam que passaram por todo o ritual. Antes da tatuagem, durante um ano, eles ficaram reclusos e foram privados de muitos alimentos, como doce e alguns tipos de peixe.

A festa está documentada no filme “Som Tximna Yukunany” (“Gravando Som”, em português), de Kamatxi Ikpeng e Karané Ikpeng, com participação de Mari Corrêa, do Instituto Catitu. No longa metragem, o registro do depoimento de três gerações sobre o ritual — avôs, filhos e netos. Um deles conta que chorava de

fome. Um ancião diz que tentou fugir e que as lágrimas apagaram sua tatuagem. Ouvindo os mais velhos, um garoto não titubeia ao responder se passará pela prova: “Sim, para ser reconhecido como índio. Como Ikpeng”.

O rito de iniciação à vida adulta é um teste de resistência e de coragem. Mais do que isso, é um momento de comunhão e de generosidade, no qual os adultos reconhecem o sofrimento da criança, mas sabem também o quão importante é vivenciar um pouco da trajetória de um povo guerreiro.

O antropólogo francês Patrick Menget, um dos primeiros a estudar os Ikpeng, explica em livros e relatos que, além de sofrerem com as doenças “brancas”, responsáveis por dizimar metade de sua população, eles também foram duramente atacados por índios inimigos, especialmente os Waurá. E aí está uma característica dessa cultura: a guerra.

Os Ikpeng atribuem à guerra um sentido cultural e social. Para eles, guerrear significa vingar a morte, sempre associada a feitiçarias. “É a feitiçaria dos inimigos que provoca a morte, e os prisioneiros de guerra são substitutos dos defuntos”, detalha Menget em trabalhos publicados sobre a etnia.



Em visita aos Ikpeng, em dezembro de 2010, **ÍNDIO** observou o quanto esse traço cultural se mantém presente. Eles haviam queimado a aldeia antiga e erguido as malocas em um novo espaço. “Teve muita morte e feitiçaria lá”, explica o pajé Araká. A aldeia recentemente construída dava um sentido de recomeço ao grupo. As batalhas acabaram, mas ainda vivem no imaginário da comunidade. Para eles, “a guerra dava um sabor especial à vida”.

Exílio

Como grande parte dos povos indígenas brasileiros, os Ikpeng eram nômades e acabaram sendo forçados a se fixar em um território para sobreviver às pressões do desenvolvimento de cidades e frentes de expansão. Pesquisas mostram que entre os séculos 19 e 20 eles estiveram em diversas áreas, do rio Iriri ao Alto Xingu.

Em 1967, foram exilados no Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso. Ameaçados pela invasão de garimpeiros, deixaram o território que ocupavam à beira do rio Jatobá, a sudoeste do Parque mas fora dos seus limites, e se deixaram levar pelos irmãos Claudio e Orlando Villas Bôas para dentro da maior terra indígena demarcada na época. A etnia já vinha sofrendo muitas perdas. Contavam então pouco mais de 50 indivíduos, a maioria fraca e doente.

Embora estejam no Xingu há quase 45 anos e contem hoje com cerca de 460 indivíduos, os Ikpeng desejam voltar ao rio Jatobá. Lutam para retomar suas terras, transformadas em fazendas e invadidas por madeireiros. E foi justamente esse desejo que levou a comunidade a iniciar um debate sobre sua origem, história e identidade cultural. Para os velhos, recuperar a memória é manter viva a tradição. Para os jovens, é parte de um processo de autoconhecimento em uma cultura em constante transformação.

O pajé Araká não sabe ao certo o ano, mas fala com carinho de sua última morada antes do Xingu. Conta que o grupo andou por vários rios, e ainda tem a lembrança fresca de quando saíram do rio Ronuro para o Jatobá. “No Jatobá tem várias ervas medicinais. Aqui é diferente do que tem lá. Por isso eu quero voltar... fico pensando em toda e medicina que só tem lá”, diz, nostálgico.

Parteira da aldeia e uma das líderes ikpeng, Ayré também se recorda daqueles tempos. “Eu nasci muito longe daqui, no lago das conchinhas, bem no fim do rio. Éramos quatro irmãos, uma mulher e três homens. Nossa família desceu até o rio Jatobá junto com toda a comunidade ikpeng. Onde teve o contato perdi minha mãe, meu pai e toda a família. Fiquei sozinha. Tudo por doença.”

“Somos Ikpeng:
guerreiros, gozadores,
implicantes, pescadores
de timbó aos sábados,
jogadores de futebol aos
domingos, carinhosos
com crianças, tinhosos
com ‘brancos’, vorazes
por beiju com peixe
e por conhecimento.”

(Trecho do encarte de “Yumpuno”, que reúne o filme “Gravando Som” e CD com cantos tradicionais)

“Aprendi muito da cultura com a minha mãe”, diz Ayré, que hoje repassa seus saberes aos jovens da comunidade. As histórias contadas pelos velhos interessam e comovem os mais novos. É no cotidiano da aldeia e nas longas conversas que são transmitidos, de geração em geração, os valores, a história e o patrimônio ikpeng. Nas pequenas coisas: no cozinhar, na caça e na pesca, no tecer de uma rede, na coleta de formigas – seu petisco predileto.

Tradição e modernidade

No entanto, o contato cada vez mais intenso com as cidades no entorno do Parque e o avanço da tecnologia, que chega à aldeia via internet, televisão e celulares, têm impacto profundo na vida dos Ikpeng. A partir da adolescência, a influência da sociedade envolvente se manifesta no desejo de adotar comportamentos dos “brancos”. Por exemplo, hoje muitas meninas querem ter filho no hospital da cidade, quando o tradicional é fazer o parto na própria aldeia, com ajuda de uma parteira indígena.

Fragilizados pela avalanche de apelos da civilização, sentiram que precisavam reagir e passaram a documentar e difundir o conhecimento ikpeng. Foi assim que surgiu o interesse desses índios pelo uso da tecnologia em favor da tradição. Câmeras, gravadores, conexão com a internet fazem parte de um grande

Ayré e Araká, líderes anciãos, e Kamatxi, o jovem cineasta indígena





Curiosidades

Diferentemente de muitos povos xinguanos, em especial os do Alto Xingu, os Ikpeng apreciam caça. Macaco é um dos pratos favoritos. Os homens são responsáveis por trazer e moquear as carnes. As mulheres preparam o beiju e o mingau de *perereba* doce, feito à base de mandioca.

A caça, aliás, tem presença marcante nas grandes festas. O *Yumpuno* inicia-se quando os homens saem para caçar. Quando voltam, tiram das redes as crianças que estão participando do ritual e começam as danças e os cantos que antecedem a tatuagem.

Antes de partir, eles colhem galhos e folhas na floresta próxima à aldeia. Cada um leva um monte nas costas, simbolizando desejos. Antigamente, esses desejos estavam sempre relacionados aos animais que seriam caçados. Hoje, eles carregam outras aspirações: celular, MP3, câmera fotográfica, bicicleta. Bens de consumo que já fazem parte do cotidiano da aldeia.

Outra curiosidade da etnia é a quantidade de nomes que uma pessoa recebe ao longo da vida. O nome mais importante, designado como *emiru*, é recebido depois da morte dos pais. A escolha é cuidadosa, pois eles acreditam que o nome de um ikpeng vítima de sofrimento, por exemplo, pode determinar o mesmo destino para uma criança que venha a recebê-lo. Cada índio pode acumular até 15 nomes diferentes ao longo da vida.

Os Ikpeng são também conhecidos como bravos, por terem travado muitas batalhas com etnias inimigas e com os “brancos”. Durante muito tempo, foram chamados de txicão. Mas Ikpeng, sua designação mais antiga, é como eles se autodenominam e tem um significado simbólico bastante forte: é o nome de uma “vespa raivosa” usada em rituais guerreiros.

O registro dos cantos tradicionais faz parte do projeto de recuperação da memória ikpeng

projeto de formar um centro de memória, concretizado no fim de 2010, com o lançamento de uma casa de cultura – a *Mawo*. Os primeiros passos da *Mawo* foram a construção de uma base de dados bilíngue e online e o lançamento do documentário “Gravando Som” com um CD de cantos tradicionais.

Bem antes disso já havia um trabalho de documentação em vídeo. Alguns desses documentários fizeram carreira internacional: é o caso de “Pirinop” (2007) e “Das crianças ikpeng para o mundo” (2001), também realizados com a participação de Karané e Kamatxi. “Estive em vários lugares do mundo para participar de festivais de cinema. Itália, Espanha, Nova Zelândia e França”, lembra Karané.

“Os velhos é que sabem as músicas e as histórias. Queremos registrar tudo isso”, diz Kamatxi, um jovem talento de vinte e dois anos. Seu primeiro contato com o cinema foi ainda menino, no vídeo “Das crianças ikpeng para o mundo”, resposta a uma vídeo-carta de crianças de Serra Maestra, em Cuba. Hoje, Kamatxi não larga a câmara e diverte-se com a curiosidade que ela provoca. “Os velhos acham que enquanto eu estou filmando, o material já vai sendo editado. Eles querem assistir logo! Todo mundo gosta de participar”.

Além dos vídeos e do registro em áudio, os Ikpeng estão se aperfeiçoando no uso da rede. A base de dados digital *Ukpatowonpin* (Origem do Mundo) foi construída pelos índios com ajuda e consultoria do técnico Osvaldo Gomes e reunirá imagens, vídeos, textos, desenhos e mapas. Tudo feito a partir da visão e da língua ikpeng, para depois ser traduzido para o português. “Essa tecnologia veio para nos ajudar”, acredita Karané, que é presidente da Associação Moygu Comunidade Ikpeng e tem também um longo trabalho como cineasta indígena. “A *Mawo* é um novo espaço de formação, pesquisa, registro e divulgação da nossa cultura. Por meio dela queremos garantir para nossos netos, bisnetos e tataranetos o acesso ao nosso patrimônio.”

Falta agora vencer as dificuldades de conexão na aldeia. A internet é lenta, muitas vezes fica fora do ar. Ainda assim, trata-se de uma grande conquista para os Ikpeng, que além de preservar a memória cultural poderão usar a base de dados para desenvolver projetos didáticos. ¶



Para ver

“Pirinop, meu primeiro Contato” (2007)
Documentário de Mari Corrêa e Karané Ikpeng
www.institutocatitu.org.br

“Som Tximna Yukunany” (2010)
Documentário de Kamatxi Ikpeng e Karané Ikpeng
www.institutocatitu.org.br

“Das crianças ikpeng para o mundo” (2001)
Vídeo-carta de Natuyu Txicão, Karané Ikpeng e Karané Ikpeng
www.videonasaldeias.org.br

Para ler

“Em nome dos outros: classificação das relações sociais entre os Txicão do Alto Xingu” (2001, ed. Assírio & Alvim – versão portuguesa)
Livro do antropólogo Patrick Menget

“Marcha para o oeste: a epopéia da expedição Roncador-Xingu” (1994, ed. Globo)
Registros de Claudio e Orlando Villas Bôas

Na próxima edição, leia mais sobre os Ikpeng e a luta pela retomada do território tradicional no rio Jatobá.

A reportagem da *ÍNDIO* viajou a convite da comunidade Ikpeng e do Instituto Catitu para a inauguração da casa de cultura *Mawo*, contemplada no Programa Petrobras Cultural.